

# Salvação, o Fim da Fé (Parte 2)

O capítulo 2 começa dando continuidade ao assunto da santidade. Não pode haver santidade sem amor fraternal e obediência à verdade. Além disso, Pedro queria que seus leitores entendessem que a santidade é uma disposição mental. É um modo de pensar e comportar-se que permeia a consciência do cristão. A santidade é um estado mental, mas é mais do que isso. Ela também é um modo de comportamento.

## “COMO CRIANÇAS RECÉM-NASCIDAS” (2:1-3)

**<sup>1</sup>Despojando-vos, portanto, de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências, <sup>2</sup>desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação, <sup>3</sup>se é que já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso.**

**Versículo 1.** Porque os cristãos purificaram a alma pela obediência à verdade, porque nasceram de novo de semente incorruptível, deveriam tornar-se o povo santo que Deus queria que fossem. “Tornar-se o que Deus quer que sejamos” é um tema recorrente no Novo Testamento (veja, por exemplo, Romanos 12:1, 2). A santidade requer que os crentes [se despojem] **de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências**. Despojar-se desse estilo de vida não deveria de forma alguma ser considerado levemente. Era necessário que os leitores de Pedro abandonassem a velha vida que herdaram de seus pais (1:18), a vida que continuava sendo seguida por seus contemporâneos. Pedro instruiu-os a se livrarem do velho estilo de vida como um homem que se despe de roupas ve-

lhas. Paulo usou essa mesma figura de linguagem, e até o mesmo verbo “despojar-se” (*ἀποτίθημι, apotithemi*), quando insistiu para os novos cristãos não só crerem no Senhor, mas viverem imitando o Mestre (Efésio 4:22-24; Colossenses 3:8-10).

O assunto não é diferente em Romanos 6:3 e 4. Ali Paulo usou a morte e a ressurreição dos mortos para instar os crentes a viver vidas santas. Como fez Paulo em Romanos 6, Pedro lembrou seus leitores do significado do batismo. Enquanto Paulo referiu-se explicitamente ao batismo, Pedro foi mais sutil. Para Pedro, “regenerados” (“nascidos de novo”) (1:3, 23) e “crianças recém-nascidas” (2:2) eram expressões equivalentes ao batismo, assim como “morrer para o velho homem de pecado” era para Paulo. Porque seus leitores haviam sido regenerados/nascidos de novo, Pedro insistiu para que deixassem para trás o velho. Ele estava dizendo, essencialmente: “Uma vez que vocês se despiram do velho homem, não continuem a ser o velho homem. Sejam o que Deus os transformou para ser”.

O Novo Testamento resume o comportamento, positivo e negativo, por listas de palavras. Pedro lançou mão desse recurso em outros versículos da carta (3:8, 9; 4:3, 15; 5:2, 3). Paulo também fez uso frequente dessas listas sintetizadas (Romanos 1:29-32; 2 Coríntios 12:20; Gálatas 5:19-23). É improvável que Pedro tenha escolhido algum item da lista de coisas que seus leitores deveriam despir especialmente porque sabia ser essa uma característica deles. As palavras designam traços humanos tão universais quanto a própria vida. Elas provavelmente descreviam os leitores de Pedro tanto quanto a maioria das pessoas. Ele as enumerou porque são as qualidades específicas que suscitam discórdia dentro do corpo de crentes. Nesse sentido, a lista era um complemento de 1:22. Os cristãos deveriam amar uns aos

outros sinceramente, de coração. Porque se amava, deveriam se afastar desse tipo de coisas. Cada uma das palavras que Pedro usou exigiria páginas de explicação para ser devidamente explorada.

“Maldade” (κακία, *kakia*) é uma palavra geral para perversidade geralmente exposta em contraste com a virtude. Ela remete a depravação moral. Pedro usou esse termo para uma natureza moral deformada, imatura, para uma mentalidade que olha para os outros com malícia ou malevolência. Tiago usou a palavra com um adjetivo que significa “abundante” (Tiago 1:21). Usando o mesmo verbo que Pedro, Tiago escreveu que devemos nos despojar de toda espécie de perversidade como nos despimos de uma roupa. “Dolo” (δόλος, *dolos*) inclui todo tipo de fraude astuta. Implica traição. Falando de Jesus, a Quem os cristãos devem imitar, Pedro disse que “nem dolo algum se achou em Sua boca” (2:21, 22).

“Hipocrisias” (ὑπόκρισις, *hypokrisis*) era uma palavra usada na sociedade grega secular para um ator em cena. Significava literalmente representar um papel. Jesus chamou os mestres religiosos que se opuseram a Ele de “hipócritas”. O que eles faziam era incoerente com o que professavam (Mateus 23:13–33). A hipocrisia serve para designar atos feitos com um motivo oculto (1 Timoteo 4:2) e uma disposição mental que faz a pessoa fingir ser o que não é (Gálatas 2:13). “Inveja” (φθόνος, *phthonos*) tem um significado semelhante, mas não é exatamente ciúme. Se o ciúme ainda é a malevolência para com outro por desejar as coisas ou as qualidades que o outro tem, a inveja é a malevolência pelo mero fato de que outra pessoa tem bênçãos, talentos, reconhecimento ou louvor. “Maledicências” (καταλαλία, *katalalia*) é abuso verbal, difamação (falar mal) do outro.

O fator comum a todas essas palavras é a incompatibilidade delas com “o amor sincero dos irmãos”, instruído pelo apóstolo em 1:22. Todavia, certamente havia outras considerações. Já que os cristãos a quem Pedro se dirigia estavam sofrendo injustamente, era tentador para eles reagirem aos seus tormentos com a mesma moeda, fomentando maldade, maledicência, inveja e ódio. Se nutrissem esses sentimentos, já estariam derrotados. Estes são pecados que destroem o próprio pecador.

Além disso, as pressões dos abusos externos às vezes fazem as vítimas internalizarem os sentimentos e tratarem mal os outros. Não é absurdo imaginar que os crentes poderiam direcionar algumas de suas frustrações para seus irmãos e irmãs em Cristo. A maledicência, o logro e a falsidade ameaçariam o

amor fraternal que Pedro lhes ordenara. Nas relações com o mundo cristão e também nas relações entre si, os crentes deveriam abandonar o estilo de vida característico das pessoas do mundo. Deveriam ter vidas santas (1:15, 16). Viver em santidade exigia que vivessem de modo digno tanto nos contatos com não cristãos, como nos relacionamentos dentro do corpo de crentes. Viver em santidade era incompatível com qualquer uma das atitudes citadas por Pedro.

**Versículo 2.** Pedro retomou a analogia do nascimento que ele introduzira em 1:23. Isso está muito claro. Contudo, alguns estudiosos de 1 Pedro acreditam que a terminologia, “despojar-se” (2:1) e ser **como crianças recém-nascidas**, descreve uma prática em voga nas igrejas da Ásia destinatárias de Pedro, porém mais conhecida em fontes das igrejas do segundo e terceiro séculos. Após o período do Novo Testamento, sabe-se que o candidato ao batismo, pelo menos em certas localidades, era batizado despido. Após ser batizado, ele recebia uma roupa nova e limpa. J. N. D. Kelly alegou que essa prática “tomou a forma de uma cerimônia comvente”. O despojar-se da velha roupa e o vestir-se da nova eram “símbolos do abandono da vida indigna do passado e a adoção de uma nova vida de inocência”<sup>1</sup>. Embora os argumentos de Kelly não devam ser descartados levemente, é mais provável que a tradição de despir-se antes do batismo desenvolvida no segundo e terceiro séculos resultasse de uma interpretação excessivamente literal desta passagem e de outras parecidas.

Fossem cristãos há anos ou há dias, deveriam **desejar ardentemente... o genuíno leite espiritual**. O verbo ἐπιποθέω (*epipothéo*), traduzido por “desejar ardentemente”, é expressivo. Significa querer com o tipo de energia que uma criança faminta tem pelo leite materno. Para ser cristão é preciso crescer. Assim como o corpo físico, o espírito também tem que ser alimentado para que cresça. Não crescer não é uma opção para o cristão. Ou o crente cresce ou morre. A implicação é que sem o alimento espiritual, os desejos sadios que foram despertados neles pela palavra morrerão. Nutridos pelo evangelho, eles cresceriam. Pedro terminou sua segunda carta com uma observação similar: “Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador

<sup>1</sup>J. N. D. Kelly, *A Commentary on the Epistles of Peter and of Jude*, Black's New Testament Commentaries. Londres: Adam & Charles Black, 1969, p. 84.

Jesus Cristo” (2 Pedro 3:18).

Era pelo “genuíno leite” que os cristãos deveriam ansiar ardentemente. A palavra “genuíno” contrasta com “dolo” citado no versículo anterior. O apóstolo fez um jogo de palavras difícil de ser mantido na tradução. Em 2:1, Pedro disse que seus leitores deveriam se despojar do “dolo” ou “fraude” (δόλος, *dolos*). Em 2:2, eles deveriam desejar o leite “sem dolo” (ἄδολος, *adolos*). O leite da palavra que deveria nutri-los era isento de “dolo”, ou seja, era “puro”, “genuíno”. O evangelho que fora pregado (1:25) aos leitores de Pedro era genuíno, isento de fraude, sem dolo. Era sem dolo porque consistia exatamente no que os apóstolos, profetas e outros mestres apresentaram. As praças das cidades greco-romanas eram frequentadas por mestres/filósofos cuja reputação de dolo era bem conhecida. Pedro queria que não houvesse confusão entre esses mestres e os que pregaram o evangelho de Cristo.

A expressão traduzida por “genuíno leite espiritual” (RA) ou “leite espiritual puro” (NVI), aparece em outras versões como “leite racional, não falsificado” (RC e ACRF – Almeida Corrigida e Revisada Fiel) e “leite racional, sem dolo” (ARIB – Almeida Revisada Imprensa Bíblica). A palavra grega equivalente a “espiritual” é λογικός (*logikos*), um adjetivo que declara que uma questão foi cuidadosamente analisada; sendo, conseqüentemente, racional ou lógica. Na outra única ocorrência do termo no Novo Testamento, Romanos 12:1, esse vocábulo descreve o culto que Paulo queria que os cristãos romanos oferecessem a Deus; cujo sentido era que fossem dedicados nessa missão, ou talvez que o culto deles fosse espiritualmente motivado. Porque racional e lógico são conceitos não materiais, *logikos*, por extensão, pode se referir a um objeto que é espiritual no sentido de ser não literal<sup>2</sup>. A questão para o tradutor é se a palavra no contexto de 1 Pedro 2:2 denota mais a força do racional/plausível, ou mais o sentido de espiritual e não literal. Se a primeira possibilidade corresponder ao sentido original, as versões ACRF, ARIB e RC serão melhores; se for a

---

<sup>2</sup>Walter Bauer citou o uso na literatura contemporânea e argumentou que o vocábulo é melhor traduzido por “espiritual” em 1 Pedro 2:2. (Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 598.) Todavia, mesmo nas citações sugeridas por Bauer, a palavra não significa puramente “espiritual” sem a nuance de razão ou racionalidade. A palavra grega não perde seu sentido de racionalidade de pensamento porque os tradutores decidiram vertê-la para “espiritual”.

segunda, as versões RA e NVI é que serão melhores.

É por uma boa razão que a moderna versão inglesa *New American Standard Bible* (NASB) descartou o uso de expressões incompreensíveis como “genuíno leite espiritual”. Nesse caso, os tradutores dessa versão tentaram captar um pouco do sentido da mentalidade racional com a expressão “genuíno leite da palavra”. O fato de Pedro usar os termos λόγος (*logos*) e ῥῆμα (*rhema*) no contexto imediato, em que ambos são traduzidos por “palavra”, favorece a ideia de que *logikos*, neste versículo, tem o sentido de razão e revelação. Ademais, quando Pedro quis falar de algo não literal, ele usou outra palavra, πνευματικός (*pneumatikos*). Essa é a palavra usada em 2:5, quando o apóstolo mencionou “sacrifícios espirituais”. Finalmente, embora a relação entre Tiago e Pedro não seja de dependência literária direta, as duas cartas de fato procedem do mesmo mundo de ideias. A maneira como Tiago usou a palavra pode nos ajudar a entender o uso de Pedro. Tiago continuou sua admoestação para que se despojassem da conduta do mundo, dizendo: “acolhei... a palavra em vós implantada” (Tiago 1:21). Essas considerações pesam a balança em favor da tradução da NASB.

Talvez a intenção de Pedro fosse fazer um trocadilho com as duas nuances comunicadas pela palavra *logikos*. Pedro enfatizou a importância de cristãos conseguirem explicar a razão de sua esperança (3:15). A mensagem que seus leitores tinham ouvido apelava para algo mais do que a emoção. Ela continha o apoio das Escrituras Hebraicas e o testemunho oral dado pelos profetas e mestres cristãos (1:12, 25). Quando os cristãos desejam e se alimentam do leite que é a revelação divina, o testemunho de Pedro cumpre seu propósito: **para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação**.

O apóstolo deixou claro que a “salvação” não é uma condição estática. Não se obtém a salvação como se obtém um par de sapatos e depois se esquece deles. Mesmo tendo sido salvos pelo sangue do Cordeiro, os leitores de Pedro ainda precisavam “crescer para salvação”. Eles precisavam saber mais a respeito de Cristo e depositar a fé e esperança nele mais plenamente. Precisavam crescer na imitação do Senhor, despojando-se das qualidades citadas em 2:1. Nas palavras do autor de Hebreus, “pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito” (Hebreus 6:1). Os profetas e mestres cristãos haviam proclamado a salvação aos leitores de Pedro (1:12, 25), porém estes ainda precisavam crescer. Sendo

ainda bebês, precisavam de leite. A mensagem que receberam era espiritual, não era leite no sentido literal, mas também era uma mensagem que apelava para a razão. Por causa disso, ela provia nutrição para o crescimento espiritual.

**Versículo 3.** O tipo de oração condicional que Pedro usou não introduz uma hipótese; e sim uma afirmação. Isto foi bem exprimido pelas palavras **se é que**. Pedro pressupôs que seus leitores podiam dizer, por vivência pessoal, que haviam tido **a experiência de que o Senhor é bondoso**. Outra possível tradução seria “uma vez que vocês experimentaram a bondade do Senhor”. A salvação era alimentada pelo leite figurado que, na verdade, era racional, mas isso não era tudo. Eles teriam mais certeza da salvação e uma fé mais satisfatória, à medida que meditassem em duas realidades: 1) o fato de terem nascido de novo e 2) a experiência de que o Senhor era bondoso. Salmos 34:8 traduz o sentimento de Pedro na forma de um imperativo: “Oh! Provai e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nEle se refugia”. Pedro recorreria ao Salmo 34 em 3:10–12.

São várias as formas pelas quais os cristãos podem experimentar o Senhor. É possível experimentar o poder, a misericórdia ou a ira do Senhor. O salmista experimentou a doçura das palavras do Senhor: “Quão doces são as Tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca” (Salmos 119:103). Jó experimentou a calamidade: “Há alguma iniquidade em meus lábios? Será que a minha boca não consegue discernir a maldade?” (Jó 6:30). É significativo que quando Pedro procurou uma palavra que falasse coletivamente aos seus leitores sobre as experiências deles com Deus, o que lhe veio à mente foi que “o Senhor é bondoso”. Nos versículos consecutivos, Pedro deixou claro que “o Senhor” era Jesus de Nazaré. Conhecendo Jesus, os leitores do apóstolo experimentaram a bondade de Deus.

No contexto do sofrimento suportado pelos leitores de Pedro, poderíamos esperar que o apóstolo apelasse para a disciplina do Senhor ou para a vingança do Senhor. Em vez disso, ele apelou para a bondade. A palavra equivalente a “bondade” é *χρηστός* (*chrestos*), semelhante na grafia e na pronúncia a *Χριστός* (*Christos*), Cristo. Os senhores às vezes chamavam seus escravos de *Χρηστός* (*Chrestos*), que significa “bondoso”. Alguns autores romanos da antiguidade, assim que ficaram sabendo do cristianismo, confundiram as palavras. Pensavam que os cristãos adoravam um deus com um nome de es-

cravo. Suspeita-se que Jesus teria usado intencionalmente o nome “bondoso”. A experiência universal que Pedro esperava que seus leitores tivessem com o Senhor consistia em saber que Ele era bondoso<sup>3</sup>.

### CRISTO, UMA PEDRA VIVA; OS CRISTÃOS, UMA CASA ESPIRITUAL (2:4–8)

**<sup>4</sup>Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, <sup>5</sup>também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo. <sup>6</sup>Pois isso está na Escritura:**

**Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa;**

**e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado.**

**<sup>7</sup>Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade; mas, para os descrentes, A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular <sup>8</sup>e:**

**Pedra de tropeço e rocha de ofensa. São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos.**

A transição da nova vida em Cristo para a figura da pedra nos versículos seguintes é abrupta. O apóstolo selecionou passagens do Antigo Testamento em que pedras foram usadas como metáforas de força e solidez e aplicou-as a Cristo e o Seu povo. Jesus é uma pedra angular, uma pedra rejeitada e uma pedra de ofensa. E cada indivíduo do Seu povo é pedra no templo de Deus. Os cristãos participam das qualidades de Cristo quando moldam suas vidas por Ele. Como pedras vivas eles formam o edifício de Deus.

**Versículo 4.** As figuras de linguagem são frequentes e pitorescas em toda esta porção de 1 Pedro. A carne é como erva; a glória do homem como a flor da erva. Os cristãos devem desejar o leite com todo o ardor de um recém-nascido (2:2). Jesus é **a pedra**

<sup>3</sup>Historiador do começo do Segundo século Suetonio pode ter confundido as palavras quando escreveu sobre o tumulto entre os judeus de Roma durante os dias de Claudio Cesar. Suetonio relatou que o tumulto fora instigado por um *Chrestus* (latim), o que é igual a *Χρηστός* (*Chrestos*, grego). É provável que os problemas na comunidade judaica tenham ocorrido quando a mensagem de Cristo foi apresentada. Parece que Suetonio confundiu os nomes, embora não haja certeza sobre isso. Veja Suetonio, *As Vidas dos Césares: Claudio* 25.4.

**que vive, rejeitada... pelos homens**<sup>4</sup>. Os leitores de Pedro, como o próprio Senhor, são “pedras que vivem”. Eles são “uma casa espiritual” ou, de outro ângulo, “um sacerdócio santo” (2:5). Cada metáfora desafia os crentes a considerarem uma faceta do que significa ser um seguidor de Cristo. Contribuindo para a vivacidade deste trecho, nos últimos versículos, Pedro disse que os cristãos são “uma raça eleita” e “uma nação santa” (2:9). O apóstolo selecionou as figuras de linguagem para que seus leitores vissem em si mesmos a continuidade entre um povo escolhido de Deus e Israel, o povo escolhido de Deus.

Antes de 2:4, Pedro havia focado a atenção na santidade da vida cristã diante de provações. Agora, ele se voltava mais explicitamente para os crentes como uma comunidade, para o cristianismo pelo aspecto de pertencer e ser definido como um povo que partilha da mesma confissão e fé.

É de suma importância que os cristãos sejam identificados como aqueles que foram até Jesus, “uma pedra que vive”. Pedro acrescentou num versículo posterior que Jesus é “uma pedra angular... preciosa” (2:6). Existe alguma incerteza quanto ao que Pedro quis dizer com essa metáfora. Joachim Jeremias observou que a palavra traduzida por “pedra angular” não se refere necessariamente a uma pedra fundamental. Ele argumentou que é mais provável que a metáfora retrate Jesus como uma pedra principal ou cumeeira de uma construção<sup>5</sup>. Se Pedro queria que seus leitores entendessem Jesus como 1) uma pedra de fundação, ou 2) uma pedra de cumeeira faz alguma diferença para a ideia principal que o apóstolo queria transmitir. Interpretada como uma cumeeira, uma pedra divisória, os leitores entenderiam Jesus como Aquele que realizou todos os propósitos divinos para a humanidade, ou talvez que através dEle o fim da fé é finalmente realizado. É duvidoso, porém, que Jeremias estivesse correto. Paulo usou a mesma palavra, “pedra angular”, em Efésios 2:20, onde o contexto deixa claro que o significado é “pedra de fundação”. Também em 1 Pedro 2:6 o texto diz: “Eis que ponho em Sião

uma pedra angular, eleita e preciosa”. Por uma pedra sugere uma pedra de fundação.

Dizer que Jesus ou Seus seguidores eram “pedras que vivem”, na primeira impressão, parece ser um oxímoro. Pedras estão mortas, “Pedra morta” é uma metáfora mais inteligível do que “pedra que vive”. Todavia, Pedro adotou a metáfora “pedra que vive”. Suas palavras remontam a um conhecido tema do Novo Testamento, o da pedra rejeitada pelos construtores (Salmos 118:22; Mateus 21:42; Marcos 12:10; Lucas 20:17; Atos 4:11). O apóstolo queria que seus leitores soubessem que Jesus é a pedra angular da vida da igreja. Ele é o padrão pelo qual se mede toda a crença e conduta da igreja. A ideia de que Jesus é a pedra fundamental, uma pedra angular, gera menos dificuldade, mas dizer que o Senhor é “uma pedra que vive” é uma metáfora audaciosa. Pedro não teve receio. A vida é uma qualidade inerente a Deus, tanto quanto a Cristo (João 1:4). Não é a um Jesus morto, mas um Senhor ressurreto que os cristãos adoram. Ele está ativamente envolvido na vida da Sua igreja. Quando o Seu povo clama por Ele, Ele ouve e age. Jesus vive à destra de Deus; de onde Ele voltará e então a esperança será consumada. Jesus é vivo; Jesus é uma pedra. Cada metáfora ajuda os cristãos a crescerem no entendimento do Senhor a quem servem.

Os cristãos desfrutaram as bênçãos de Cristo a ponto de **se achegarem para Ele**. O mesmo verbo que Pedro usou “chegando-vos” (*προσέρχομαι, proserchomai*) aparece também em Hebreus 4:16: “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça”. Ser convidado por Deus para aproximar-se dEle deve ser levado a sério. Estar na santa presença de Deus é uma incumbência tremenda. Quando Isaías viu Deus no templo, ele ficou tomado de medo. “Ai de mim! Estou perdido! ... os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Isaías 6:5). Até para um sacerdote aproximar-se sem reverência era arriscado, como descobriram os filhos de Arão (Levítico 10:1, 2). Entrar na presença de Deus, seja em oração, seja em adoração, nunca é um ato trivial, mas os cristãos se achegam a Ele confiadamente. O salvador a quem os cristãos servem revestiu-Se de carne humana e morreu pelos pecados do homem; os leitores de Pedro haviam experimentado que Ele é bondoso. É de fato com temor que se entra na presença do Deus vivo, porém tendo Cristo como intercessor, o crente pode estar sempre “[se] chegando para Ele”.

Paradoxalmente, a “pedra que vive” pela qual

<sup>4</sup>Embora o nome de Pedro (*Πέτρος, Petros*) signifique “pedra”, a palavra usada para “pedra” em todos estes versículos é *λίθος (lithos)* com exceção de *πέτρα (petra)* em 2:8. É improvável que Pedro estivesse pensando na mensagem do seu próprio nome quando escreveu.

<sup>5</sup>Joachim Jeremias, “*ἄκρογωνιαίος*”, em *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel, trad. e ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964, vol. 1, p. 792. Nota da Trad.: a pedra mais alta do telhado, ou a que divide o telhado em duas águas.

os homens se achegam a Deus tinha sido “rejeitada, sim, pelos homens”. “Ele veio para os seus, mas os seus não O receberam” (João 1:11). O apóstolo seguiu a conduta do próprio Senhor ao lembrar seus leitores de que Jesus era a pedra rejeitada pelos construtores, sendo, porém, escolhido por Deus para ser a pedra angular de Sua casa (Lucas 20:17). Mais importante do que Jesus ser aceito ou rejeitado por homens é o fato de que Ele é a pedra **eleita e preciosa** para Deus. Outras traduções dizem “escolhida e preciosa” (NVI). O apóstolo já tinha usado a palavra “eleita” aplicada aos leitores (1:1). A implicação é que assim como Jesus era eleito/escolhido e precioso, ainda que rejeitado por homens, os leitores de Pedro eram eleitos/escolhidos e preciosos para Deus, ainda que enfrentassem provações da parte dos homens. O sofrimentos e as provações não eram uma indicação de que Deus os abandonara. Estavam seguindo os passos de Jesus (2:21).

**Versículo 5.** Há pouca dúvida de que Pedro queria que seus leitores pensassem no templo em Jerusalém quando usou as palavras **casa espiritual**. No Antigo Testamento, “casa” é uma palavra geralmente usada para o templo<sup>6</sup>. Aqui em 1 Pedro continua se referindo a um templo. Por maiores que fossem as pedras que ficavam no monte do templo (Marcos 13:1), as **pedras que vivem** do novo templo são infinitamente mais preciosas. Em vez de pedras de ouro e joias brilhantes, as pedras da casa de Deus são belas por causa da fé e da benignidade do viver cristão. Uma das metáforas que os autores do Novo Testamento gostavam de usar era a da igreja magnificamente unida como uma casa bem construída, um templo onde Deus habita (1 Coríntios 3:16, 17; Efésios 2:21; Hebreus 3:6).

É interessante que Pedro nunca usou a palavra “igreja” em nenhuma de suas cartas. Ao mesmo tempo, o apóstolo estava plenamente ciente da natureza coletiva da vida cristã. No versículo 5, ele representou a interdependência cristã falando de crentes coletivamente como “uma casa espiritual”. Em 5:2, ele os chamou de “o rebanho de Deus”. Não está totalmente claro o que Pedro pretendia dizer a respeito da igreja do Senhor, quando a chamou de “casa espiritual”. “Espiritual” é usado de várias maneiras no Novo Testamento. Entre as possibilidades estão: 1) A igreja é “uma casa espiritual” porque

<sup>6</sup>O termo “casa” refere-se ao templo várias vezes em 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias e alguns dos Profetas. Seu uso em Salmos poderia se referir ao tabernáculo ou ao templo, dependendo da data particular de cada salmo.

ela não é feita de coisas materiais. Esse parece ser o significado da palavra nas expressões “sacrifícios espirituais” (também em 2:5), “rocha espiritual” (1 Coríntios 10:4) e “corpo espiritual” (1 Coríntios 15:44). 2) Paulo afirmou que o Espírito Santo vive nos cristãos (Romanos 8:14–16). A igreja pode ser “uma casa espiritual” porque o Espírito Santo habita nela. 3) O raciocínio pode ser que a igreja é “uma casa espiritual” porque o Espírito Santo a guia. Ela é espiritual como a lei era espiritual (Romanos 7:14), ou os dons eram espirituais (1 Coríntios 12:1) – porque eles eram instrumentos usados pelo Espírito para realizar a vontade de Deus. A terceira possibilidade é a melhor. O povo de Deus é “uma casa espiritual” feita de pedras vivas porque o Espírito Santo opera na igreja e através dela.

O significado que for atribuído à palavra “espiritual” influenciará a interpretação de **edificados**. Pode ser uma afirmação: “Vocês estão sendo edificados”, ou uma ordem: “Edifiquem-se”. Neste caso o grego não faz distinção entre o verbo e o modo indicativo ou imperativo. A maioria das versões em português optou pelo indicativo – opção que nos parece a melhor. Quando os crentes compartilham a vida do corpo de Cristo, o Espírito Santo opera entre eles a fim de edificá-los “casa espiritual”, o que será para a glória de Deus.

Como um caleidoscópio, Pedro mudou a figura de pedras para templo, para os sacerdotes que oferecem sacrifícios, para os próprios sacrifícios. Os crentes são pedras, templo e **sacerdócio santo**. Debaixo da lei de Moisés os sacerdotes se colocavam entre o povo e Deus. Só os sacerdotes podiam oferecer sacrifícios. Saul, o primeiro rei de Israel, desagradou a Deus por oferecer sacrifícios não sendo um sacerdote (1 Samuel 13:8–14). Nem todos os israelitas eram sacerdotes, mas todos os cristãos são sacerdotes. O sacerdócio de todos os crentes é um dos grandes clamores da Reforma (Apocalipse 1:6), embora o conceito não seja desconhecido na lei (Êxodo 19:6; veja Isaías 61:6). Assim como os filhos de Arão, que tinham o privilégio de se aproximar de Deus para oferecer os dons de Israel, os cristãos podem se achegar confiadamente à presença do Senhor, oferecendo seus próprios dons. Deus não faz acepção de pessoas. Cada um dos Seus filhos pode se aproximar dEle porque cada um é um sacerdote por direito.

Tal como são edificados casa espiritual, os crentes também devem **oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo**.

Tanto o vocábulo grego quanto o hebraico equivalente a “sacrifício” significam ofertas de sangue. O sacrifício era de um animal imolado, mas a palavra veio a ser usada figuradamente para outras coisas oferecidas a Deus. Os salmistas escreveram: “Oferece a Deus sacrifício de ações de graças” (Salmos 50:14); “Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria” (Salmos 51:16). O autor de Hebreus certamente não tinha em vista sacrifício quando escreveu: “Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor” (Hebreus 13:15).

Quando a Bíblia foi traduzida do grego e hebraico para o latim, às vezes o latim usava a palavra *sacrificium*, no sentido de “um dom sagrado”, “um dom oferecido a Deus”. Na falta de uma palavra que signifique “oferta de sangue”, as versões em português regularmente emprestam do latim a transliteração “sacrifício”. Não é uma má escolha. Os sacrifícios, de fato, eram dons que o povo de Deus levava para dar a Deus. Infelizmente, no uso popular o significado de “sacrifício” foi modificado. Seu significado era “dar um dom/presente para Deus”, mas para a maioria das pessoas modernas sacrificar significa “negar a si mesmo alguma coisa”. Sacrificar não deveria chamar a atenção para o que o adorador nega a si mesmo, mas para o seu desejo de expressar seu amor dando. Convém observar que os cristãos podem dar qualquer coisa para Deus. Deus nos permite dar a Ele porque dar está inerente ao ato de expressar o amor.

**Versículo 6.** O apóstolo tomou por certo que a citação da Escritura, ou seja, o Antigo Testamento, reforçaria o que ele afirmou nos versículos 4 e 5. Na revelação de Deus a Israel, os cristãos encontram Jesus de Nazaré. Pedro ofereceu uma colagem de passagens: Isaías 28:16; Salmos 118:22; Isaías 8:14. O tema comum destas passagens não está no cenário do Antigo Testamento nem no que elas ensinavam. Antes, está no uso da palavra “pedra”. A primeira passagem, Isaías 28:16, não é uma citação exata da LXX, mas contém muitas palavras idênticas ao texto dessa tradução. A expressão final: “e quem nela crer”, é exatamente da LXX. Paulo citou a mesma passagem em Romanos 9:33, onde a inseriu juntamente com Isaías 8:14. O ponto que Paulo destacou com a citação é que Jesus foi rejeitado pelos judeus.

O leitor que examina Isaías 28:16 no contexto logo verá que o profeta estava escrevendo sobre aqueles que “domin[am] este povo... em Jerusalém” (Isaías 28:14). Ele estava falando dos líderes religiosos de Israel. Através do profeta, Deus pro-

meteu outro governador que, em contraste com os governantes de então, “faria do juízo a régua e da justiça, o prumo” (Isaías 28:17). Estaria Isaías pensando em Jesus quando escreveu? Não há como saber, mas Pedro que era um apóstolo inspirado e profeta declara que Jesus, de fato, é **uma pedra angular... preciosa** que Deus pôs **em Sião**. Sendo a pedra angular, Jesus tornou-se a medida de tudo pelo que Deus anseia em Seu povo. Cada pedra viva do edifício, todos os cristãos, encontram a direção para Deus e para seus irmãos através da sua relação com a pedra angular. Citando Isaías 28:16, Pedro ilustrou a continuidade entre a Israel literal e a espiritual e, ao mesmo tempo, demonstrou que Deus fez algo radicalmente novo em Cristo. Ernest Best escreveu que em Cristo “Deus criou algo novo, a redenção da humanidade”<sup>7</sup>.

“Sião”, propriamente, era a Cidade de Davi, a cadeia que se projetava para o sul do monte onde ficava o templo (2 Samuel 5:7). Com o passar do tempo, por metonímia, o nome veio a ser aplicado a toda a Jerusalém (Salmos 102:21) e depois ao monte do templo em particular (Isaías 8:18; Miqueias 4:7). Visto que Pedro havia acabado de afirmar que Jesus e os que criam nEle são “pedras que vivem” numa “casa espiritual”, neste versículo “Sião” é provavelmente uma referência ao monte do templo.

Quanto a Jesus, a **pedra eleita** posta em “Sião”, Pedro disse que **quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado**. Ele usou uma negação forte e enfática, οὐ μή (*ou me*). Não há possibilidade alguma de que crer nEle resulte em vergonha. A palavra grega καταισχύνω (*kataischuno*), traduzida por “envergonhado” na RA, é também vertida para “confundido” na ARCF. Quando se coloca a fé em Cristo, jamais há espaço para humilhação e vergonha. A “vergonha” tinha um componente social mais forte no mundo greco-romano do que a palavra portuguesa sugere. No português contemporâneo vergonha, em grande parte, é um sentimento interno, psicológico. As pessoas do mundo grego em que Pedro viveu teriam pensado em vergonha no sentido de ser humilhado perante os contemporâneos ou, talvez, perante Deus.

**Versículo 7.** Muitos comentaristas afirmam que onde a RA diz **para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade**, uma melhor tradução se-

---

<sup>7</sup>Ernest Best, *1 Peter*, The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1971, p. 105.

ria: “Portanto, a honra é para vocês crentes”. Além de corresponder melhor à gramática, essa tradução também provê um belo contraste com “envergonhado” no fim de 2:6. Francis Wright Beare está entre os que defendem essa tradução. Ele escreveu: “A honra que é concedida aos crentes é o compartilhar da honra que Deus concedeu a Cristo, com quem eles são unidos no edifício da casa espiritual”<sup>8</sup>. Os tradutores da RA entenderam a expressão grega diferentemente de Beare. Eles entenderam que a “preciosidade” provida aos cristãos é o fato de Deus ter posto uma pedra preciosa em Sião.

A citação de Salmos 118:22 (117:2 na LXX) descrevia o resultado **para os descrentes**. Jesus citou o salmo em Mateus 21:42 e Pedro citou-o em Atos 4:11. Em ambos os casos, a liderança judaica era os construtores que rejeitaram Jesus. A ideia de Pedro não era radicalmente diferente da que Jesus expôs ou da que ele expôs em Atos 4:11. A liderança judaica ainda era os **construtores que rejeitaram Cristo, a pedra**. Ainda assim, declarou Pedro livremente perante o mundo gentílico, Deus fez da pedra rejeitada **a principal pedra, angular**. A expressão grega mais literalmente seria “a principal da esquina” (RC).

É improvável que “a principal da esquina” signifique outra coisa diferente do que significa a pedra angular posta em Sião em 2:6, embora “a principal da esquina” por si só se refira a uma pedra do alto do telhado como uma cumeeira. Neste contexto, “pedra angular” no versículo anterior (2:6) e “pedra de tropeço” no versículo posterior (2:8) sugerem que “a principal da esquina” e “pedra angular” são sinônimos. Seria difícil alguém tropeçar numa pedra colocada no alto do telhado. O fato de Deus ter feito de Jesus a “pedra angular” era um testemunho para os que não criam. Proclamava que Deus estava ativo na vida de Jesus e na vida do Seu povo.

**Versículo 8.** A primeira parte do versículo, **pedra de tropeço e rocha de ofensa**, é uma versão livre de Isaías 8:14 do hebraico para o grego. Falando através do profeta Isaías, Deus afirmou que Ele é santo e deve ser temido. Aqueles que geram intrigas não devem ser temidos. Deus é um santuário para os que confiam nEle, mas para os de Judá e Israel Ele se tornara uma pedra de tropeço. Pedro viu em Isaías palavras que se aplicavam aos seus contemporâneos. Para os descrentes, além de Deus fazer de

Jesus a principal pedra da esquina, Ele também Se tornou uma ofensa, uma ocasião para tropeçarem. Pedro pensava em apenas duas categorias de pessoas. Havia os que se criam em Jesus e os que tropeçavam e eram descrentes.

A última parte do versículo é difícil. A tradução **para o que também foram postos** é literal. A RC diz “para o que também foram destinados”. Os teólogos reformados foram rápidos em ver a predestinação individual nesse versículo. O problema com essa interpretação é que em toda a carta Pedro convida seus leitores a obedecerem, a abandonarem o pecado, a se manterem sóbrios, a esperarem ardentemente e coisas desse tipo. Se é verdade que os leitores de Pedro estavam individualmente destinados à vida eterna ou à condenação eterna por um ato do soberano governo de Deus na eternidade atemporal, as admoestações do apóstolo contêm um toque de sarcasmo. Não faz sentido Deus chamar pessoas para fazerem o que ele já determinou que fizessem.

O que Pedro pretendia dizer era que Deus sabia de antemão que haveria **os que tropeçam, sendo desobedientes**, mesmo quando enviou o Seu Filho como Redentor. Não deveria surpreender os leitores de Pedro o fato de alguns tropeçarem. Pedro não tinha indivíduos em mente, alguns dos quais estavam predestinados a desobedecer. Antes, ele afirmou que o plano de Deus para a redenção do homem foi realizado com a plena ciência de que alguns criam em Cristo e outros tropeçariam.

#### CHAMADOS DAS TREVAS PARA A LUZ (2:9, 10)

**<sup>9</sup>Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; <sup>10</sup>vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia.**

A continuidade entre a igreja e Israel nunca esteve fora da mente de Pedro. O apóstolo foi além de igualar os cristãos com a nação, eleita por Deus e chamada do Egito. Estar em Cristo é fazer parte de uma raça eleita, mas também é participar do sacerdócio de Arão. A santidade de Israel como nação foi muitas vezes seriamente invalidada. A obra de Cristo mudou tudo isso. Agora, pessoas que não faziam

<sup>8</sup>Francis Wright Beare, *The First Epistle of Peter: The Greek Text with Introduction and Notes*, 3a. ed. (Oxford: Basil Blackwell, 1970, p. 124.



parte do povo se tornaram o povo de Deus.

**Versículo 9.** Existe um enfático **vós** no começo do versículo. Logo após dizer que os desobedientes tropeçam em Cristo, Pedro acrescentou: “Vós, porém” para afirmar que eles eram totalmente diferentes. Na forma como o texto se apresenta na RA, o apóstolo usou quatro metáforas para os cristãos. Cada substantivo tem um qualificador: a **raça é eleita**, o **sacerdócio é real**, e o **povo é de propriedade exclusiva de Deus**. Essas metáforas exigiam que um cristão judeu modificasse consideravelmente sua maneira de pensar. Talvez nada fosse mais básico para a autoconscientização do judeu do que o fato de Deus tê-lo escolhido. Israel era o único e exclusivo povo escolhido de Deus. Outras nações não foram escolhidas. Pedro, sendo judeu, não exigiria de Israel nada que não fosse compartilhado por toda a humanidade. Através de Cristo, a “raça eleita” compõe-se de todas as nações e povos que aceitam o chamado. O apóstolo dissera a Cornélio e sua casa: “Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável” (Atos 10:34, 35).

Não era incomum para Pedro reformular conceitos e expressões profundamente enraizados na história de Israel, apresentando-os como “a nova Israel”, a igreja de Jesus Cristo. A primeira combinação de substantivo com adjetivo, “raça eleita”, é bem direta. Pedro já havia chamado seus leitores de “eleitos”. Na obra apócrifa geralmente denominada 2 Esdras pelos protestantes, Esdras murmurou para Deus que o povo, embora escolhido, havia enfrentado calamidades fora do comum. No desenvolvimento de sua oração, ele fez Deus Se lembrar da condição de “eleitos” do povo de Israel.

E eu disse: Ó soberano Senhor, de todas as florestas da terra e de todas as suas árvores tu escolheste uma videira,

E de todas as terras do mundo tu escolheste para ti uma região, e de todas as flores do mundo elegeste para ti um lírio,

E de todas as profundezas do mar tu enches-te para ti um rio, e de todas as cidades que foram construídas tu consagraste Sião para ti,

E de todas as aves que foram criadas tu nomeaste para ti uma pomba, e de todos os rebanhos que se formaram tens para ti uma ovelha.

E de toda a multidão dos povos tu adotaste para ti um povo, e para este povo, a quem amaste, tu tens dado a lei que é aprovada por todos.<sup>9</sup>

<sup>9</sup>2 Esdras 5:23–27.

Para Pedro, a nação literal de Israel tinha que abandonar a alegação de que só eles tinham acesso a Deus. O apóstolo queria que seus leitores entendessem que eles, judeus e gentios, foram feitos um em Cristo, o qual também foi eleito.

A segunda combinação de substantivo com adjetivo, “sacerdócio real”, é complexa. A palavra traduzida por “real” (βασιλειον, *basileion*) só ocorre outra vez no Novo Testamento em Lucas 7:25. Ali ela é um substantivo traduzido por “palácios dos reis” (RA). A ordem das palavras “sacerdócio real” no original grego não é a mesma das demais combinações. (Em grego, assim como em português, o adjetivo pode vir antes ou depois do substantivo que ele modifica.) No caso de “sacerdócio real”, acontece o contrário no grego, ou seja, a palavra traduzida por “real” vem antes do substantivo. O esperado seria que as três primeiras expressões fossem paralelas. “Sacerdócio real” (βασιλειον ιεράτευμα, *basileion hierateuma*) vem de Êxodo 19:6 na LXX, onde seu significado é igualmente incerto.

Essas considerações levaram à possibilidade de que os tradutores tenham entendido mal a expressão. Entendendo a palavra traduzida por “real” como um substantivo que significa “palácio de rei”, como acontece em Lucas 7:25, e colocando uma vírgula entre as palavras, chega-se à tradução: “Vós sois raça eleita, palácio real, sacerdócio, nação santa...”<sup>10</sup> O fato de Pedro já ter chamado os cristãos de “pedras que vivem” edificadas numa “casa espiritual” torna esta interpretação atraente. É verdade, porém, que *basileion* pode ser um adjetivo. Se “sacerdócio real” for o significado, Pedro estava dizendo que crentes são um sacerdócio a serviço do Rei, ou seja, a serviço de Jesus. Ele não estava atribuindo qualidades de rei aos cristãos.

Pedro disse que seus leitores eram um “sacerdócio”, não que eram sacerdotes individualmente. Há uma diferença. Entende-se que “sacerdócio” deriva do exercício das funções sacerdotais dentro da comunidade. “Sacerdócio” é um termo descritivo da igreja considerada em seu todo corporativo. Nisto vê-se o paralelo de “raça” e “nação”. Não existe exercício de “sacerdócio” separado do corpo de crentes, assim como não havia exercício do sacerdócio de Arão fora da nação. Pedro usou a palavra

<sup>10</sup>Edward Gordon Selwyn, *The First Epistle of St. Peter: The Greek Text, with Introduction, Notes, and Essays*, Thornapple Commentaries, 2a. ed. Londres: Macmillan & Co., 1947; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1981, p. 166.

“sacerdócio” duas vezes (2:5, 9), mas o contexto determina significados um pouco diferentes em cada ocorrência. Em 2:5, Pedro considerou os deveres do “sacerdócio”, a saber, oferecer sacrifícios aceitáveis a Deus. Em 2:9, a noção de “sacerdócio” não é tanto os deveres dos sacerdotes quanto é o privilégio de serem sacerdotes. Todas as metáforas de Pedro tratam de privilégio. Porque os cristãos participavam da comunidade dos que creem, eles se consideravam abençoados por serem “uma raça eleita, um palácio real, uma companhia de sacerdotes, uma nação santa”.

Os crentes também são abençoados por serem “um povo de propriedade exclusiva de Deus”. A expressão tem semelhança com Isaías 43:20 e 21. Em Isaías, Deus prometeu: “...dar de beber ao Meu povo, ao Meu escolhido, ao povo que formei para Mim, para celebrar o Meu louvor”. Assim como Israel entendeu que ela foi formada por Deus para Ele mesmo, os cristãos deveriam entender que eram propriedade exclusiva de Deus. Ele os escolheu. Quando os cristãos fossem alvo de reprovação ou quando não crentes os ridicularizassem por suas falhas, deveriam lembrar que Deus os chama de Seus. Jesus chegou ao ponto de louvar Seus seguidores desta maneira: “Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo” (Mateus 5:13, 14).

Os cristãos pertencem a Deus para um propósito. A redenção humana, o perdão de pecados e a vida eterna – tudo que envolve ser cristão – não são para a glória humana, mas para a glória de Deus. Tudo isso visa **proclamar as virtudes dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz**. O paradoxo é que crentes desfrutem as bênçãos de Deus somente quando se esquecem de si mesmos e buscam a Sua glória.

**Versículo 10.** O apóstolo continuou a valer-se da linguagem e das figuras do Antigo Testamento para reforçar a confiança de seus leitores de que eram povo exclusivo de Deus. A palavra que ele usou para povo (*λαός*, *laos*) é a mesma usada para o povo de Israel em particular. Existe outra palavra que designa um povo não judeu (*ἔθνος*, *ethnos*). Pedro não citou Oseias palavra por palavra, mas as palavras foram extraídas do mundo de ideias do profeta do oitavo século. Ele adaptou as palavras de Oseias à situação de seus leitores sem nenhuma indicação de que quisesse usá-las exatamente no mesmo sentido visado pelo profeta. Gomer, a “mulher de prostituições” de Oseias (Oseias 1:2), concebeu-lhe uma filha a quem ele deu o nome de “Desfavorecida” (Oseias

1:6) e um filho a quem ele deu o nome de “Não-Meu-Povo” (Oseias 1:9). A misericórdia de Deus, por fim, triunfou sobre o pecado de Israel. “Compadecer-me-ei da Desfavorecida; e a Não-Meu-Povo direi: Tu és o meu povo!” (Oseias 2:23).

Emprestando as palavras de Oseias, Pedro encontrou nelas uma mensagem de confiança para seus ouvintes cristãos, na maioria, gentios. **Vós, sim, que, antes, não éreis povo**, disse ele, **mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia**. A mensagem de Pedro difere da mensagem de Oseias, conquanto o profeta do Antigo Testamento emitiu um julgamento sobre Israel por causa da idolatria e da imoralidade deles. Ao mesmo tempo, Oseias assegurou a Israel que a misericórdia de Deus não tem fim. Ele previu um dia em que Deus teria misericórdia novamente do Seu povo.

A mensagem de Pedro também difere da mensagem de Oseias por não haver julgamento nas palavras de Pedro. Os gentios, anteriormente, eram ignorantes das promessas e da misericórdia de Deus, mas agora eram um povo, o povo exclusivo de Deus. Em Romanos 9:25 e 26, Paulo citou Oseias mais precisamente do que fez Pedro; mas para Paulo, as palavras de Oseias também demonstravam que o povo de Deus “não [era] só dentre os judeus, mas também dentre os gentios” (Romanos 9:24). Se Pedro tivesse lido a Carta aos Romanos, e existe uma boa possibilidade de que ele tenha lido, os pensamentos de Paulo provavelmente o animaram. Algumas semelhanças de vocabulário e raciocínio nos escritos de Paulo e Pedro, sem dúvida, podem ser atribuídas ao mundo de ideias que os dois apóstolos partilhavam em comum; mas isso não responde pelos frequentes pontos de contato particularmente entre 1 Pedro e Romanos.

## APLICAÇÃO

### Jesus, Pedra de Ajuda (2:4–8)

Há lições para aprendermos e apreciarmos na Bíblia, se considerarmos a terra e o cenário em que viveram seus autores. O extremo leste do mar Mediterrâneo é uma região quente e árida. São escassas as terras boas para agricultura. Não há ali grandes rios para irrigação, e grande parte da região é deserta. As regiões despovoadas são chamadas de “deserto” na Bíblia.

A terra que Israel chamou de lar tinha muitas

deficiências, mas possuía uma abundância de pedras. Não é de admirar que o povo de Israel tenha descoberto várias maneiras de se usar esse recurso natural. Eles usavam pedras como armas e como material de construção. Também descobriram na solidez da pedra metáforas para expressar sua relação com Deus.

Em Deuteronômio e em Salmos, o próprio Deus é, às vezes, chamado de Rocha. Ele era a Rocha de Israel, irremovível, firme, a força infalível deles. Moisés cantou: “Porque proclamarei o nome do SENHOR. Engrandecei o nosso Deus. Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nEle injustiça; é justo e reto” (Deuteronômio 32:3, 4).

Continuam a aparecer no Novo Testamento metáforas baseadas nas pedras e rochas de Israel. Quando Pedro confessou que Jesus era o Cristo, o Senhor disse que a confissão dele era a pedra, o firme fundamento sobre o qual Ele edificaria a Sua igreja. “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16:18). O apóstolo pode ter sido inspirado pela metáfora do Senhor quando usou figuras de linguagem de pedra para descrever a obra e a missão de Cristo.

1) *Jesus é uma pedra porque Ele é o guia seguro e o modelo de como os cristãos devem viver* (2:6). Ele mostrou o caminho, sendo exemplo de como Seus discípulos devem servir a Deus. Jesus é mais do que uma pedra; Ele é uma pedra angular. Pedro valeu-se das palavras de Isaías 28:16 para expor sua ideia: “Portanto, assim diz o Senhor Deus: Eis que Eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge”.

Não havia, e ainda não há, muitas árvores em Israel. A madeira é um material incomum e caro ali. Em vez de trabalhar na madeira, os artesões de Israel se tornaram habilidosos cortadores de pedra. Eles entalhavam a pedra tão precisamente que geralmente não havia necessidade de argamassa. Embora geralmente se pense que Jesus foi carpinteiro por profissão, atualmente, muitos acreditam que a palavra grega τέκτων (*tekton*) seria mais bem traduzida por “pedreiro ou cortador de pedra”. Em Jerusalém, nos dias atuais, qualquer um que queira erguer uma construção é obrigado por lei a fazê-la de pedra. Jerusalém é uma cidade feita de pedras. Era assim no mundo antigo.

Na época em que Pedro viveu, judeus de outras

partes do mundo sabiam do grande templo que Herodes, o Grande construíra em Jerusalém. Até não judeus louvavam sua grandeza e beleza. Herodes ampliou os contornos naturais da colina onde o templo fora edificado por Salomão. Seus construtores usaram pedras maciças para construir um muro de arrimo. Os construtores de Herodes possibilitaram que se construísse não só o templo, como também um amplo pátio cercado por um esplêndido pórtico. Tudo isso foi feito de pedra. Os arqueólogos descobriram muitas delas. Herodes mandou marcar suas pedras diferencialmente com um chanfrado em torno das extremidades, de modo que não foi difícil os arqueólogos reconhecerem essas pedras.

Nos versículos que antecedem a citação de Pedro de Isaías 28:16, ele estendeu a metáfora da pedra. Pedro disse que por ser Cristo uma pedra, todo cristão, num sentido, participa da Sua solidez. Com o Senhor, os cristãos formam juntos a casa em que Deus habita. Todo crente é uma pedra viva da casa (veja 1 Pedro 2:4, 5).

Os cristãos também são rochas ou pedras. Os alicerces da sociedade atual parecem estar se desintegrando. Todavia, este não é o caso dos que olham para Cristo como uma pedra angular. Os maridos cristãos honram suas esposas. As esposas respeitam seus maridos. Os dois criam filhos no conhecimento e ensino do Senhor. Tratam bem o próximo. Suas palavras são sólidas como uma rocha. Honestidade é a marca registrada deles. O estilo de vida dos cristãos os deixa inabaláveis. As palavras de Pedro sugerem que Jesus é a rocha sólida, o alicerce seguro sobre o qual repousam a fé, a esperança e a confiança do cristão. Terremotos podem abalar o edifício, mas as portas do inferno não podem mover o alicerce sobre o qual os cristãos construíram suas vidas e depositam suas esperanças. Séculos passam, nações vêm e vão, montes se formam e derretem no mar, mas Cristo, a Rocha, como o Deus de Israel, permanece firme para sempre (veja Salmos 102:25–27).

2) *Jesus é a pedra fundamental, mas Ele também é a pedra rejeitada* (2:7). Pedro migrou do assunto de Jesus ser a pedra angular, a pedra fundamental da casa de Deus, para outra metáfora. Desta vez ele se valeu do Salmos 118:22. O próprio Jesus citou este mesmo salmo quando confrontou os judeus e eles O rejeitaram. “Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?” (Mateus 21:42).

Quando Jesus citou Salmos 118, Ele estava falando aos líderes da nação judaica. Como estudantes da Escritura, acima de todos os outros, eles deveriam ter reconhecido o Cristo de Deus. Em vez disso, rejeitaram-no e zombaram dele, e foram instrumentos para a Sua crucificação. Jesus foi a pedra rejeitada. Pedro parecia estar fazendo uma aplicação mais ampla do salmo. Os judeus rejeitaram Jesus, porém, além disso, o mais sábio e nobre de todos os povos do mundo O rejeitou.

Foi Deus quem fez de Jesus a pedra angular da casa. Homens O rejeitaram e continuam O rejeitando. Deus usou as coisas pequenas, modestas do mundo. Ele tem poder para transformar um humilde trabalhador Galileu na pedra angular da igreja. Os apóstolos Pedro e Paulo tinham o mesmo pensamento. Em outro contexto, é interessante ver a maneira como Paulo revelou claramente nesse paradoxo que Deus opera através da fragilidade e da modéstia. Que o mundo tenha seus reis, sua pompa e luxo. Paulo se assentaria com os humildes, tendo Deus para ajudá-lo, e com eles conquistaria o mundo. “Quando sou fraco aí é que sou forte”, disse ele (2 Coríntios 12:10). O apóstolo prosseguiu: “Porque, de fato, foi crucificado em fraqueza; contudo, vive pelo poder de Deus. Porque nós também somos fracos nele, mas viveremos, com ele, para vós outros pelo poder de Deus” (2 Coríntios 13:4).

3) *Jesus é uma pedra de tropeço, uma rocha de ofensa* (2:8). Pedro citou Isaías 28:16 e encontrou ali Jesus como pedra angular. Ele citou Salmos 118:22 e encontrou-O como pedra rejeitada. Neste ponto, o apóstolo retomou Isaías. “Ele vos será santuário; mas será pedra de tropeço e rocha de ofensa às duas casas de Israel, laço e armadilha aos moradores de Jerusalém” (Isaías 8:14). Paulo expressou um sentimento semelhante: “Mas nós pregamos a Cristo

crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (1 Coríntios 1:23). Para Paulo o obstáculo de tropeço era, particularmente, a cruz (veja Gálatas 5:11).

Os romanos respeitavam o poder. Quando os sofisticados e mundanamente sábios romanos ouviram falar pela primeira vez do cristianismo, eles julgaram que ele não passava de uma grande pilhéria. Esse Salvador de cristãos foi crucificado pelos romanos. Que ridículo supor que Ele fosse digno de adoração! Para os judeus, Jesus era uma pedra de tropeço por outros motivos. Na lei de Moisés havia uma passagem que eliminava qualquer expectativa de que Jesus era o Cristo. “O que for pendurado no madeiro é maldito de Deus” (Deuteronômio 21:23; veja Gálatas 3:13). Judeu e gentio tropeçaram diante da noção de que Jesus era alguém importante. Para eles era insano pensar que um homem crucificado fosse o Filho de Deus.

Quando Pedro falou de Jesus como pedra de tropeço, ele mudou de ênfase. As pessoas do mundo tropeçaram nos ensinamentos de Jesus porque amavam seus pecados e não queriam ter parte com Deus. Queriam seguir seus próprios desejos (veja 1 Pedro 2:8). A cruz continua a ser uma pedra de tropeço para muitas pessoas do mundo. Assim como no mundo do Império Romano, a cruz de Cristo não cabe muito bem para pessoas que buscam riqueza, fama e poder. Mesmo que não o digam, as vidas de inúmeras pessoas proclamam que a cruz é uma pedra de tropeço.

*Resumo.* Citando o Antigo Testamento, Pedro usou as pedras do seu mundo para enriquecer nosso entendimento de Jesus e da nossa relação com Ele. 1) Jesus é uma pedra porque Ele é um modelo digno e imutável de bondade e piedade. 2) Jesus é uma pedra rejeitada. 3) Jesus é uma pedra de tropeço, uma rocha de ofensa.

Autor: Duane Warden  
© A Verdade para Hoje, 2016  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS